



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

EPISTEMOLOGIAS NEGRAS PARA BAIROS NEGROS METODOLOGIAS DE APREENSÃO DO BAIRRO DO ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, SALVADOR-BA

LUIS GUILHERME CRUZ PIRES¹

Resumo: O presente artigo é fruto do TFG (Trabalho Final de Graduação) intitulado “Verde limiar. Entre o visível e o invisível: desvelando espaços verdes no Engenho Velho da Federação” e propõe-se a discutir novas epistemologias e metodologias de apreensão para os bairros negros das nossas cidades brasileiras. O lugar de atuação da pesquisa é o bairro do Engenho Velho da Federação, situado na cidade de Salvador, Bahia, tomado aqui como um bairro negro por duas razões: por possuir uma população de maioria afrodescendente e a proeminência da cultura negra. Dessa forma, o trabalho pretende apresentar alguns conceitos sobre os bairros negros e as metodologias de apreensão empreendidas no bairro do Engenho Velho da Federação, a partir do trabalho de campo realizado entre 2017 e 2019, fundamentado nas vivências e nas experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa, e ancorado em três eixos principais: experiências do caminhar, interlocução das afonarrativas, experiências da festa.

Palavras-chave: bairros negros, epistemologias negras, metodologias de apreensão, Engenho Velho da Federação.

INTRODUÇÃO

Salvador é considerada uma das cidades mais negras do Brasil por abrigar uma população majoritariamente negra, onde aproximadamente 79,50% do total da população soteropolitana autodeclara-se negra² e por sua vez habita os bairros negros da cidade. Entretanto, há uma lacuna nos estudos urbanos acerca desses bairros negros que costuma invisibilizar a dimensão étnico-racial desses territórios urbanos, os abordando a partir de outros viés, notadamente destacando a dimensão socioeconômica e usando outras terminologias como bairros populares, ocupações informais, invasões, favelas, dentre outros a fim de nomear e classificá-los. Essa lacuna coloca a questão principal do trabalho: pesquisar os bairros negros evoca uma epistemologia que também seja negra em seu(s) modo(s) de fazer e suscita metodologias de apreensão que sejam capazes de trazer à tona as dimensões materiais e imateriais negras desses lugares.

¹ Arquiteto e urbanista graduado pela UFBA. Membro do grupo de pesquisa EtniCidades/FAUFBA. lgcruzpires@gmail.com

² Segundo dados do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, somando-se o número de pessoas autodeclaradas pretas e pardas. Fonte: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A princípio seria imprescindível apresentar alguns conceitos e noções acerca dos bairros negros. Ramos (2013) toma as culturas negras como referência conceitual para identificar o bairro negro, afirmando que “bairro negro é aquele onde predomina a cultura negra” e é decorrente de uma história coletiva que explora possibilidades de uma criação autônoma pela forte expressão cultural afro-brasileira. A autora ainda caracteriza o bairro negro a partir de sua materialidade, indicando os principais elementos espaciais que configuram o bairro, tais quais as áreas vegetais, os espaços coletivos, quintais, espaços sagrados e mercados. Outra contribuição para entendimento dos bairros negros é dada por Cunha Jr. (2007) que elabora o conceito de “territórios de maioria afrodescendente” para definir a natureza da população das áreas de população afrodescendente, que segundo o autor são espaços urbanos em que a população afrodescendente é maioria, sendo que esta determina a dinâmica cultural e social desses territórios.

O bairro do Engenho Velho da Federação, situado na cidade de Salvador, Bahia, foi escolhido como campo de atuação da pesquisa justamente por congregar os aspectos fundamentais para caracterizá-lo como um bairro negro: o primeiro deles tem a ver com sua população de maioria afrodescendente e o segundo deles diz respeito à forte expressão da cultura negra no bairro. De acordo com os dados do Censo 2010 realizado pelo IBGE, que classifica a população de acordo à cor/raça, 87,22% dos moradores do Engenho Velho da Federação autodeclararam-se negros³, sendo um dado oficial que reforça a imagem e a percepção do bairro como um bairro negro baseado no seu contingente populacional. Com relação à expressão da cultura negra, destaco o papel dos terreiros de candomblé para formação do bairro, sendo considerados verdadeiros nucleadores urbanos do bairro (RAMOS, 2013), e um caso exemplar da forma social negro-brasileira (SODRÉ, 1988).

Portanto, é necessário dar visibilidade à dimensão étnico-racial dos bairros negros da cidade de Salvador, a exemplo do Engenho Velho da Federação, onde os dados estatísticos do IBGE acerca da população do bairro somados à percepção do lugar oriunda da pesquisa de campo atestam o bairro como um bairro negro.

³ Dados do Censo 2010/IBGE encontrados em RAMOS (2013).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

METODOLOGIAS DE APREENSÃO DO BAIRRO NEGRO

As metodologias de apreensão que serão apresentadas utilizam como suporte a pesquisa de campo realizada no bairro do Engenho Velho da Federação entre 2017 e 2019, que buscou realizar a partir das vivências e das experiências, a percepção do bairro na sua relação com a cultura negra. Para tal, utilizou-se a etnografia urbana como suporte teórico e metodológico, entretanto o método etnográfico não foi empregado na sua forma clássica e serviu mais como um método experimental que foi ajustado às necessidades da pesquisa.

De acordo com Uriarte (2012), o método etnográfico consiste em um mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana dos sujeitos que queremos apreender e compreender, e possui três momentos: [1] formação e preparação teórica por meio da leitura de textos; [2] o “trabalho de campo” propriamente dito, que consiste na vivência prolongada com os sujeitos pesquisados, através da coleta de informações e descrição das mesmas, ao assumir a posição do observador-participante que dialoga com as pessoas e o lugar; [3] reside na escrita, feita após às idas ao campo, que consiste em converter todas as informações captadas em um texto de forma a compor uma narrativa etnográfica urbana.

Na tentativa de aplicar o método etnográfico, o primeiro momento foi alcançado a partir da leitura e análise de alguns textos que integraram o referencial teórico do trabalho, a citar três deles: a tese de doutorado “Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos, um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação”, autoria de Maria Estela Ramos (2013); o livro “O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira”, autoria de Muniz Sodré (1988); e o artigo “Terreiros do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia”, fruto da dissertação de mestrado de Jussara Rêgo (2006). O segundo momento, do trabalho de campo, se deu de forma prolongada⁴ com o intuito de apreender o cotidiano do bairro a partir de algumas visitas, entre idas e vindas pelas ruas do bairro, casas de moradores,

⁴ O trabalho de campo foi realizado entre maio de 2017 e março de 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

terreiros de candomblé, e algumas festividades. O terceiro momento, alcançado em conformidade com o segundo, consistiu na conversão das informações captadas no trabalho de campo, em textos que descrevem a experiência das primeiras visitas, e na transcrição das conversas e entrevistas feitas com os moradores e lideranças do bairro.

Ao entender que o método etnográfico por si só não era suficiente para apreender o bairro negro, foram elaborados outros modos de apreensão ancorados na experiência: (1) experiências do caminhar, (2) interlocução de afronarrativas; (3) experiências da festa. Os modos de apreensão experimentados colocam em evidência a presença do corpo(s) negro(s) na cidade e no bairro em questão, e quais leituras esse corpo consegue fazer do bairro negro. E, cabe destacar que tanto o corpo do pesquisador como dos sujeitos pesquisados são atravessados por algo em comum, a afrodescendência, cujo conceito está sedimentado em uma base étnica e tem a ver com a ancestralidade da população afrodescendente (CUNHA JR., 2007).

Experiências do caminho e do caminhar

*“Eh! Mano Légua
Me ensina a caminhar
Eh! Mano Légua
Me ensina a caminhar”*

(Juçara Marçal e Kiko Dinucci)⁵

Para falar de caminho e do caminhar, evoca-se a presença de *Nzila* (Unjira), o *n’kise* (inquice) dos caminhos. Unjira é um inquice⁶ equivalente ao orixá Exu, responsável pelo caminho, sendo sua atribuição ser guardião do caminho (PINTO, 2015). Assim, atribui-se a Unjira o poder de abertura e desvelamento dos caminhos percorridos ao longo da pesquisa, por vezes curtos e diretos, outras vezes longos e tortuosos. E, é partir dessa cosmovisão afro-brasileira que o corpo negro consegue captar e codificar as enunciações do bairro negro do Engenho Velho da Federação.

Para Certeau (1994), caminhar na cidade é um ato de enunciação, onde o ato do pedestre de andar pela cidade se compara ao ato da fala, ou, em outras palavras, o

⁵ Trecho da canção “Mano Légua”, autoria de Juçara Marçal e Kiko Dinucci. Fonte: <https://genius.com/Meta-meta-manolegua-lyrics>

⁶ Para o candomblé Angola, inquice é uma entidade, a energia/força da natureza (PINTO, 2015).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

corpo através do caminhar comunica as enunciações da cidade. Sendo assim, foi feita uma leitura do bairro tomando como referência a escala do corpo que foi alcançando o bairro a partir do caminhar e do olhar direcionados à materialidade negra do bairro. Essa materialidade está contida nos espaços edificados ao longo das ruas que possuem usos diversos e agregam símbolos e referenciais negros às suas fachadas, logo essas fachadas enunciam a cultura negra do bairro. Seja a fachada de um bar cujo nome “Point Nagô” (Figura 1) remete à origem e identidade negra do bairro, e um desenho de São Jorge, santo católico de grande devoção entre a população afrodescendente, o que aponta a religiosidade afro-católica do bairro; ou ainda a fachada da Associação de Moradores do Bairro (Figura 2) que enuncia a arte urbana do *graffiti* que nesse caso faz menção à imagem das periferias urbanas, e uma frase próxima à entrada que diz: “Paz para todos os guetos”.

Figura 1 – Fachada do “Point Nagô”



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 2 – Fachada da Associação de Moradores do Bairro



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A cultura negra do bairro também está impressa nos nomes de pequenos espaços comerciais e de serviço que fazem menção a divindades cultuadas no Candomblé. Seja a uma pequena loja intitulada “Tenda de Oxossi” (Figura 3), que além do nome utiliza as cores azul e branco em sua fachada, cores essas ligadas a Oxóssi, e uma pequena ilustração do Ofá, símbolo e ferramenta que representa o arco e a flecha de Oxóssi, considerado um orixá caçador que vive nas matas. Assim como um outro espaço que promove a organização de festas e é denominado “Ibeji Festas” (Figura 4), trazendo o colorido e a figura de duas crianças em sua fachada que fazem alusão a Ibeji, divindade protetora dos gêmeos, popularmente sincretizada com os santos católicos São Cosme e



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

São Damião, e das crianças, estando ligado, portanto, à infância, às brincadeiras e à festa.

Figura 3 – Fachada da loja “Tenda de Oxossi”



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 4 – Fachada de espaço de festas “Ibeji”



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A maioria dos espaços citados enunciam a relação do bairro com a religiosidade afro-brasileira, seja a partir de elementos ligados ao catolicismo popular e/ou ao candomblé, principalmente, onde segundo moradores antigos do bairro a presença dos terreiros de candomblé sempre foi muito forte no Engenho Velho da Federação e constitui uma importância referência para o bairro (RAMOS, 2013). É interessante notar que a influência do candomblé como religião afro-brasileira está para além do espaço sagrado dos terreiros onde os cultos realizam-se, e atingem outros espaços de caráter profano como bares e lojas que comunicam o bairro negro através das suas fachadas embebidas de signos e símbolos da cultura afro-brasileira.

O caminhar no Engenho Velho da Federação também desvela a presença dos terreiros de candomblé e dos seus respectivos simbolismos territoriais. Os terreiros exibem determinados elementos que funcionam como demarcadores simbólicos do território religioso e que podem ser identificados pelo olhar do observador que caminha pela rua. De acordo com Rêgo (2006), os principais elementos demarcadores dessa sacralidade que costuma-se encontrar no espaço dos terreiros são: os assentamentos religiosos, árvores e plantas de valor ritualístico, a presença da bandeira branca dedicada às



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

divindades Tempo e Irôko, além da presença de outros objetos sagrados como as quartinhas⁷ e o mariô⁸. Durante as vivências do trabalho de campo foi possível identificar a presença desses elementos que demarcam o espaço sagrado dos terreiros na paisagem do bairro, destacando-se alguns: a bandeira branca (Figura 5), as folhas de mariô (Figura 6) e as quartinhas (Figura 7).

Figura 5 – Bandeira branca no terreiro Ilê Axé Omiré Oju Irê



Fonte: Google Maps

Figura 6 – Mariô na entrada do terreiro Ilê Axé Omin Onadô



Fonte: Mapeamento dos Terreiros/CEAO (2008)

Figura 7 – Quartinhas na fachada do terreiro Centro de Giro Ogum de Cariri



Fonte: Mapeamento dos Terreiros/CEAO (2008)

Somam-se aos elementos demarcadores já citados, outros como as insígneas, através de desenhos ou ferramentas que costumam aparecer nas fachadas dos terreiros e por vezes sinalizam as divindades patronas da casa, bem como as cores das fachadas das casas diretamente ligadas a essas divindades. A exemplo dos terreiros Ilê Obá do Cobre (Figura 8) e Ilê Axé Obá Tade Patiti Obá (Figura 9), que apresentam em suas fachadas alguns elementos simbólicos vinculados à divindade patrona das casas, o orixá Xangô - deus do fogo e da justiça, como as cores marrom, vermelho e branco, e desenhos do Oxé, um machado de dois gumes, também conhecido como “Machado de Xangô”.

Figura 8 – Fachada do terreiro Ilê Obá do Cobre

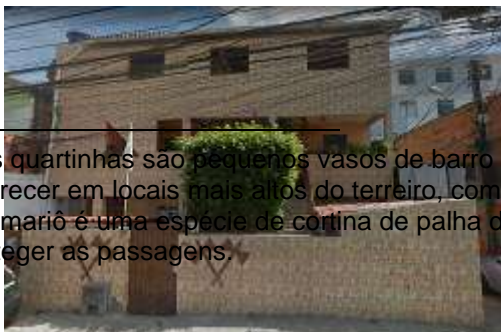


Figura 9 – Fachada do terreiro Ilê Axé Obá Tade Patiti Obá



⁷ As quartinhas são pequenos vasos de barro que são colocados em locais específicos e costumam aparecer em locais mais altos do terreiro, como acima de muros e das cumeeiras das casas.

⁸ O mariô é uma espécie de cortina de palha desfiada instalada nos acessos do terreiro sob a função de proteger as passagens.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Fonte: Google Maps

Fonte: Google Maps

Interlocução: emergência de afronarrativas

“É preciso ser sujeito e não objeto”

(Makota Valdina)

A interlocução da pesquisa se deu a partir de conversas e entrevistas com alguns moradores e representantes de grupos sociais atuantes no bairro, como a Associação de Moradores e as Comunidades de Terreiro, que fizeram uso da oralidade e da memória para compor suas narrativas acerca do bairro, aqui denominadas de afronarrativas. São afronarrativas porque partem de sujeitos afrodescendentes que narram o bairro negro do Engenho Velho da Federação ancorados nas suas vivências e memórias, e suscitam o lugar de importância da tradição oral nas comunidades negras, sobretudo nas comunidades de terreiro. Para além disso, a presença desses sujeitos na pesquisa reivindica um protagonismo negro, onde é “preciso ser sujeito e não objeto” e faz eclodir também uma epistemologia negra que rompe com o modo tradicional de fazer pesquisa no âmbito acadêmico da universidade que atribui a esses sujeitos o lugar de “objetos de pesquisa”.

Dentre os sujeitos que participaram e contribuíram de maneira significativa para a construção do trabalho, foram elencadas as narrativas de dois deles para serem apresentadas e discutidas nesse artigo: Orlando Barbosa, por conta da sua atuação como liderança comunitária na Associação de Moradores do Bairro e Makota Valdina, pela sua atuação como educadora, liderança comunitária e religiosa do candomblé. Orlando Barbosa, 67 anos de idade, socioeducador, morador e presidente da Associação de Moradores do Bairro, evoca em suas falas a presença da população negra no bairro. Ele afirma que boa parte dessa população é oriunda do Recôncavo Baiano e de outras



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

idades do interior do estado, e instalaram-se nas antigas fazendas que ocupavam as áreas que hoje pertencem ao bairro, tornando-se rendeiros, a exemplo do seu pai, que no fim dos anos 1940 comprou dois lotes na Av. Parente (um pertencente ao seu pai e outro a seu tio) onde até hoje mora a família. Además, enfatiza a dimensão étnico-racial do bairro, ao afirmar que o Engenho Velho da Federação trata-se de um bairro negro: “Aqui é um bairro negro. A etnia que prevalece aqui é o negro. Porque a população foi formada por pessoas que vinham do Recôncavo”⁹.

Atualmente, Orlando ocupa o cargo de presidente da Associação Beneficente de Defesa e Recreativa dos Moradores do Engenho Velho da Federação, e aponta o papel socioeducativo que a instituição possui ao ser reconhecida como um importante equipamento comunitário do bairro. Segundo ele, a Associação foi fundada em meados dos anos 1950 e vem desempenhando seu papel como Sociedade Beneficente desde que foi criada, onde já abrigou a realização de muitos cursos de formação e capacitação profissional, sendo vários deles ligados a instituições educacionais tais quais universidades e ONGs, tendo como público alvo os jovens do bairro. Afirma também que a sede da Associação dos Moradores, hoje situada à Rua Apolinário Santana, assim como boa parte da estrutura urbana do bairro, foi construída e custeada pelos próprios moradores, como fruto de uma obra coletiva e autônoma, o que aponta para a ausência do Estado no que tange às políticas públicas e ações de planejamento urbano.

Valdina Pinto (*in memoriam*)¹⁰, mais conhecida como Makota¹¹ Valdina, era moradora do Engenho Velho da Federação onde viveu até seus últimos dias de vida, foi uma educadora e liderança comunitária com atuação no bairro, tendo participado ativamente na fundação da Associação de Moradores do Bairro em 1955 e da fundação da Escola Municipal Engenho Velho da Federação em 1987. Além do mais, foi uma importante liderança religiosa, defensora dos direitos do Povo-de-Santo na cidade de Salvador, e também pesquisadora das tradições dos povos Bantu ligadas aos terreiros de candomblé Angola, do qual fazia parte. E, é partir de Makota Valdina, e da sua postura política

⁹ Trecho de entrevista concedida por Orlando Barbosa em 21/05/2017, na sede da Associação de Moradores do Bairro.

¹⁰ Nascida em 1943 no Engenho Velho da Federação, onde viveu até o início de 2019.

¹¹ O termo ‘makota’ refere-se a um cargo que ela possuía dentro do candomblé Angola.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

enquanto mulher negra, praticante do Candomblé e moradora do bairro, que faz emergir a necessidade de pensar o lugar dos interlocutores na pesquisa como “sujeitos da sua própria história” e romper com uma lógica acadêmica que costuma encarar esses territórios, nesse caso os bairros negros, como simples “objetos de pesquisa”. As conversas com ela, entre os espaços da casa e do terreiro, muito contribuíram e provocaram o trabalho a elaborar uma epistemologia negra que desse conta de acolher e transmitir os saberes negros dos sujeitos da pesquisa.

Dos muitos saberes negros que Makota Valdina detinha, destaca-se a relação dela com as plantas, seja em uma escala mais próxima no espaço doméstico da casa e no espaço sagrado do terreiro, ou com os espaços verdes públicos da cidade, como os parques urbanos. Ela faz uso da memória para falar da abundância de espaços verdes que haviam no bairro, sobretudo dos quintais:

Como havia muito mato a partir dos nossos quintais, a gente não tinha medo de entrar no mato para brincar ou para buscar frutas. O mato fazia parte do nosso viver, do nosso brincar. Um quintal dava para o outro, o limite eram as cercas verdes (...) (PINTO, 2015, p.28).

Tomando como referência a cosmovisão do candomblé que entende que “sem folha, não há orixá”¹², ou seja, sem a presença do espaço mato não há como realizar os rituais do candomblé. Makota Valdina coloca a necessidade e a dificuldade em acessar os espaços verdes na cidade e frente a isso mostra como ela e sua comunidade religiosa tem buscado alternativas, a exemplo do cultivo de plantas de pequeno porte em pequenos canteiros e vasos para usos mais corriqueiros (Figura 10). Ainda conta que os remédios que tomava antigamente provinham do mato, trazendo à tona a importância do uso das ervas medicinais como alternativa aos remédios ditos de farmácia: “Meu filho, eu vim saber o que é remédio de farmácia já adulta”¹³.

Figura 10 – Cultivo de plantas de pequeno porte no quintal da casa de Makota Valdina



¹² Tradução do provérbio Iorubá “kosi ewe kosi orisa”.

¹³ Trecho de entrevista concedida por Makota Valdina em 15/06/2017, no terreiro Nzo Onimboyá.

Figura 11 – Cultivo de plantas no quintal da casa de Makota Valdina.

Fonte: Acervo pessoal (2018).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Fonte: Acervo pessoal (2018)

A partir dessa relação que o bairro tinha e ainda preserva de alguma maneira com os espaços verdes Makota Valdina sugere uma série de ideias acerca da criação de espaços verdes bem como os seus possíveis usos pela comunidade. Fazendo menção ao projeto de uma horta que havia no fundo da sede da Associação dos Moradores, sugere a possibilidade de implantação de uma horta no bairro e que as hortaliças produzidas poderiam servir como merenda para as escolas públicas do bairro. Tendo em vista a limitação de área para plantio no espaço do terreiro Nzo Onimboyá, ela fala da sua vontade em expandir a área verde do terreiro “para cima”, o que remete à projeção de jardins verticais. Seus saberes vão para além dessas sugestões, ao mostrar ter conhecimento sobre as plantas cultivadas seja no espaço do quintal de casa ou no terreiro, tanto no que se refere aos usos e aplicações das plantas bem como no cuidado e manejo das espécies. Entende também que os saberes e fazeres negros no que diz respeito às plantas é um bem coletivo e por esse motivo deveria ser compartilhado entre as comunidades de terreiro do bairro, no sentido de criar uma rede de troca e fortalecimento entre os terreiros.

Experiências da festa

Ao tratar dos bairros negros das nossas cidades brasileiras, e, principalmente, de Salvador, é inevitável trazer a dimensão lúdica desses lugares, ludicidade essa que lhe é inerente e tem sua expressão encontrada nas festas e nos cultos negros, como aponta Sodré (1988) ao encarar a festa e o culto como jogos negros que geram espaços e tempos próprios e territorializam o sagrado afro-brasileiro:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O apelo aos deuses implica a sacralização do espaço e do tempo. Do espaço, através de templos ou de lugares especiais para o culto; o tempo, através de datas votivas ou festivas. A festa é a marcação temporal do sagrado (SODRÉ, 1988, p.124).

A sacralização do espaço e do tempo colocada por Sodré (1988) pode ser verificada no bairro do Engenho Velho da Federação a partir da presença e da força do candomblé, que gera espaços sagrados através da implantação de templos religiosos como os terreiros que abrigam a força e energia do culto, e temporalidades sagradas por meio das festividades que acontecem dentro e fora dos terreiros. Em se tratando das festividades dos terreiros, há de se levar em conta as festas que realizam-se no espaço privado das casas obedecendo o calendário litúrgico de cada terreiro, assim como as festas que acontecem no espaço público das ruas e funcionam como extensão do espaço e tempo sagrados do terreiro.

Tomando como referência a técnica do observador-participante empreendida pelo método etnográfico e a escala do corpo, o pesquisador conseguiu vivenciar algumas festas dos terreiros graças à abertura que foi propiciada pela interlocução com moradores do bairro pertencentes às comunidades-terreiros, em especial à Edna dos Santos (Branca)¹⁴. Para citar algumas das festas experienciadas: Festa de Xangô Airá, orixá patrono do Terreiro do Cobre; Festa de Dan-Bessen, vodum patrono do Terreiro do Bogum; Festa de Oxóssi, patrono do Terreiro Odé Mirim; dentre outras. Além de ter participado da Caminhada pelo Fim da Violência, da Intolerância Religiosa e pela Paz, por dois anos consecutivos, 2017 e 2018, da qual será feito um breve relato da experiência.

A Caminhada que acontece há 14 anos, é organizada pelas comunidades de terreiro do Engenho Velho da Federação e adjacências, e segundo Makota Valdina surgiu como uma iniciativa de combate à intolerância religiosa sofrida pelos terreiros do bairro, onde ela juntamente com Valnizia Pereira (Mãe Val)¹⁵ tiveram a iniciativa de realizar a Caminhada. A manifestação que sempre acontece no feriado do dia 15 de novembro,

¹⁴ Edna dos Santos, mais conhecida como Branca, exerce o ofício de baiana de acarajé, é filha-de-santo do terreiro Awá Negy, e tem forte ligação com o terreiro Odé Mirim.

¹⁵ Valnizia Pereira, mais conhecida como Mãe Val, atual ialorixá do Terreiro do Cobre.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

reúne o Povo de Santo do bairro e da cidade de Salvador para juntos caminharem pelas ruas do bairro denunciando a intolerância religiosa e reivindicando a paz.

A Caminhada possui caráter político-religioso, e ao mesmo tempo incorpora o jogo negro (SODRÉ, 1988) que articula a festa e o culto com as dimensões do sagrado e do profano afro-brasileiros. A festa transporta alguns aspectos do culto dos terreiros de candomblé para o espaço público da rua, sacralizando-o, ao invocar através de cânticos sagrados, o pedido de licença a Exu para abrir os caminhos e a paz de Oxalá durante a Caminhada, ao trazer símbolos dessa orixá como a pomba e o milho branco para o espaço da rua (Figuras 11 e 12). Tanto a abertura como o desfecho do ato acontecem no mesmo espaço, conhecido como Praça Mãe Runhó e/ou Fim de Linha, porém em momentos distintos, já que a abertura é feita no período da tarde e o desfecho já acontece pela noite.

Figura 11 – Ato simbólico na abertura da Caminhada



Fonte: Foto de Fafá M. Araújo (2018)

Figura 12 – Ato simbólico ao fim da Caminhada



Fonte: Foto de Fafá M. Araújo (2018)

Durante o percurso da Caminhada fica evidente o desenho de uma rede que conecta os terreiros do bairro e das adjacências a partir das suas relações de proximidade e de troca. Rede essa que (re)conecta os terreiros do bairro a outros terreiros importantes situados nas vizinhanças como o Terreiro do Gantois e o Terreiro Casa de Oxumarê na Federação, e ainda o Terreiro Tumba Junsara no Engenho Velho de Brotas. Ao longo desse percurso, com muita empolgação, são entoados cânticos segundo à tradição de cada terreiro, saudando os Orixás, Inquices, Voduns e Caboclos que habitam os espaços visíveis e invisíveis dos terreiros, do bairro e da cidade.

Figura 13 – Comunidade do terreiro Odé Mirim aguardando a chegada da Caminhada



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Fonte: Acervo pessoal (2017)

A dimensão da ludicidade também associa-se a práticas de caráter profano que acontecem em espaços e tempos paralelos à Caminhada. Muitos moradores que possuem suas casas situadas ao longo do percurso, sobretudo na Rua Apolinário Santana, organizam-se em suas varandas e lajes para acompanhar a passagem do cortejo dos participantes da Caminhada, bem como aglomeram-se defronte aos bares e botecos do bairro (Figura 14). Assim, a ludicidade assume outros contornos onde coexistem o sagrado e o profano afrobrasileiros.

Figura 14 – Concentração de pessoas nas varandas das casas e defronte aos bares e botecos do bairro



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Ao fim da Caminhada, os participantes caminham em direção ao Terreiro do Cobre, onde é servido o Amalá de Xangô, comida votiva dedicada ao orixá patrono do terreiro, que é preparado por adeptos e simpatizantes do terreiro e conta com a contribuição dos demais terreiros envolvidos (Figura 15). Portanto, trata-se do momento final após a Caminhada



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

onde a comensalidade, o ato de comer e beber juntos, tão característico dos terreiros é também incorporado à festa.

Figura 15 – Amalá de Xangô sendo servido pelos adeptos do candomblé no Terreiro do Cobre



Fonte: Foto de Fafá M. Araújo (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou instaurar uma epistemologia negra para dar conta de apreender e transmitir o bairro negro do Engenho Velho da Federação, em suas múltiplas dimensões estética, cultural, social, religiosa, lúdica, dentre tantas outras que confluem para engendrar uma encruzilhada epistemológica que agrega saberes e fazeres do(s) corpo(s) negro(s) que habitam a cidade de Salvador e o Engenho Velho da Federação. Corpo negro que possui um jeito negro de caminhar e recorre à figura de Exu para movimentar-se e comunicar-se com a rua, um jeito negro de dialogar com sujeitos que fazem uso da oralidade e da memória ancestral para compor narrativas próprias, e um jeito negro de celebrar a festa por entre espaços e tempos sagrados e profanos.

Para além disso, o trabalho contribui para enxertar uma lacuna que existe no campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo que não problematiza ou encara a dimensão étnico-racial como uma questão fundante de grande parte dos espaços e territórios urbanos das nossas cidades brasileiras, como é o caso dos bairros negros. E, dessa forma, agradece aos caminhos que já foram abertos por outros trabalhos de intelectuais negros e negras que tem se debruçado sobre a temática, e possibilita uma abertura para a insurgência de epistemologias negras vindouras.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 7. p. 169-191.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Afrodescendência e Espaço Urbano. In: CUNHA JUNIOR, Henrique; RAMOS, Maria Estela (Org.). **Espaço urbano e afrodescendência: estudo da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver**. 2. ed. Salvador: EGBA, 2015.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. 2013. 332 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2013.

RÊGO, Jussara. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. **Geotextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p.31-85, dez. 2006. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3038/2186>. Acesso em: 06 maio 2019.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negrobrasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

URIARTE, Urpi Montoya. Podemos ser todos etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. **Redobra**, Salvador, n. 10, p.171-189, set. 2012.

SITES CONSULTADOS:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>. Acesso em: 17 out. 2019.

XIV Caminhada pelo fim da violência e da intolerância religiosa, e pela paz. Flickr: Fafá M. Araújo. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fazinhos/albums/72157697868332060>. Acesso em: 18 out. 2019.

MARÇAL, Juçara; DINUCCI, Kiko. **Mano Légua**. Disponível em: <https://genius.com/Meta-meta-manolegua-lyrics>. Acesso em: 17 jun. 2019.